

FRAGRÂNCIA DE CANTO NOVO

Este livro de Narlan Matos responde, de forma sábia e plena à pergunta-sentença formulada por João Cabral de Melo Neto: “De que precisa um homem para viver?”. Para respondê-la, ou, dito de outra forma, para vivê-la adequadamente, Narlan não precisou mais do que o celebrado mote proposto por Carlos Pena Filho num soneto encantado: pegou o sol da sua cara, um pedaço de fundo de quintal e uma tromba de arco-íris... Pronto: estava ultrapassada a clivagem do *homo poeticus*.

Senhoras e senhores: o amanhecer tem a fragrância do canto novo, do desavergonhado e sublime habitante do cosmos que alimenta, como estilo e permanência, uma nesga de nuvem com que frequentar a insondável boca da aurora. Não importa que os demais homens estejam adormecidos, ou cobertos do limo de histórias reais em que não acreditam, ou soterrados na escassez de sonhos que a planície de uma vida tola lhes reserva como ração provisória de nadas e nenhuns.

O livro tem o condão de assim afirmar: estou aqui, vivo e íntegro na fórmula de sentidos atilados. Sou a poesia que ainda se derrama, como o mel coado das intempéries, pelas bocas famintas de uma justificativa existencial. Há mesmo livros desse corte: os que permanecem contestando a morte da poesia, ou o sufrágio das sombras de um cotidiano tão vil e besta que nem parece separar o dia da noite (com ou sem sortilégios).

Livros de poesia são assim. Quem os lê demonstra preferências. O mestre Ruy Espinheira Filho fez o seu catado e se apossou do que considera o melhor. Outros farão diversamente, segundo suas idiossincrasias. Da planura dessas escolhas (todas elas fruto de arbítrio nem sempre livre, é bom dizer), um outro poema vai salpicando de imagens nossos olhos esfaimados. Como *Oração Ultramoderna*, *Prece*, *Confidência de Itaquareense*, *Noturno* e outros que emergem e se impõem sucessivos e atrevidos em sua imponência rústica de água cristalina. Não há como escapar à beleza, única redenção possível ao homem. Há, antes, que ler, exprimir e exprimir-se. Como em *Auto-estrada*: “Sobre o viaduto que separa e ata os lados/ Andam meus sapatos – vendados e dormentes./ A iluminação dos lampiões à gás é baça e casmurra./ E a bela professora de psicologia já é casada./ Lá embaixo o tráfego é tumultuoso/ Automóveis indiferentes riscam a auto-estrada. / Sob tudo o abismo./ Sobretudo o abismo”. Que o livro e o próprio Narlan Matos tenham vida longa.

Em benefício de nossas vidas e nossos sonhos mais aguerridos, apresento-lhes: *Senhoras e senhores: o amanhecer!*

Jorge de Souza Araújo é doutor em literatura pela UFRJ, poeta e filósofo.